

GENTES DA ILHA DE SÃO JORGE NOS ANOS DE 1825-1827

Paulo Lopes Matos

Introdução

Situada no grupo central do arquipélago dos Açores, a ilha de S. Jorge é uma longa cordilheira que, saindo do mar, se estende no sentido nascente-poente. Do lado sul, as encostas descem até às penedias da beira mar, onde se abrem pequenas enseadas, enquanto do lado norte, a serra é cortada abruptamente sobre línguas de terra onde se situam as fajãs. Ilha do grupo central, nem por isso manteve estreitas relações económicas e culturais com alguma das suas vizinhas, como aconteceu com a Graciosa, muito dependente da Terceira, ou com o Pico, interligado ao Faial. O seu comprimento (65km), a considerável altitude e o litoral escarpado isolaram-na das restantes ilhas, ditando-lhe um destino de algum modo diferente.

No período a que respeita o nosso estudo, a ilha de S. Jorge, como a maior parte do arquipélago, eram governados por homens da confiança do partido realista. As lutas políticas que grassaram em Portugal Continental após a revolução de 1820, depressa alastraram até às Ilhas, aqui abrindo alguns teatros de guerra.

Desde 1766 - altura da criação da capitania-geral - que havia sido criado um governo militar para cada uma das ilhas açorianas e, cujo responsável, por si ou por indicação do capitão-general de quem dependia, vai progressivamente controlando a vida político-militar da ilha. Com a designação de «comandante militar» inicialmente, foi adquirindo a «qualidade de Governador», o que lhe dará direito a controlar também a vida político-administrativa e até económica¹.

¹ Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo, Junta da Fazenda, maço 20 A. Informação aposta ao requerimento de José Maurício Rodrigues, de 28.XI.1825.

Em 24 de Novembro de 1825 tomava posse do cargo de governador da ilha de S. Jorge o tenente-coronel reformado José Maurício Rodrigues, que averbava na sua folha de serviços a participação na guerra peninsular e uma comissão como governador de Benguela. Já com 63 anos, o peso da idade não lhe retirará vigor, sobretudo na repressão com que trata os opositores ao regime. Aliás, mostrar-se-á o mais diligente guardião do sistema político na ilha, mandando vigiar e violar correspondência, prender os que não se mostrassem fieis aos ideais miguelistas, implantando um verdadeiro clima de terror².

O derrube do «fanático governador» ocorrera quando a Regência, instalada na ilha Terceira desde 1830, resolve submeter pela força as ilhas ditas «fiéis» a D. Miguel, o que ocorre no ano seguinte.

É, todavia, este homem que conseguiu manter pela força quase ininterruptamente a ilha de S. Jorge sobre o regime miguelista, o responsável pelos mapas estatísticos de 1825, 1826 e 1827. Talvez com a preocupação de dar boa conta de si e de apresentar resultados da sua acção governativa, logo após o desembarque na ilha apressa-se a organizar o mapa da situação social, administrativa e económica de S. Jorge, condição essencial para que no ano seguinte pudesse já evidenciar alguns bons frutos do seu trabalho.

Para a recolha dos elementos demográficos serviu-se do clero secular espalhado pela ilha e, diga-se, a única entidade que lhos poderia transmitir com melhor fidedignidade. Mas muita outra informação de natureza sócio-profissional e, sobretudo, económica, foi vertida para tais mapas, tornando-os em invejáveis fontes para a história da ilha de S. Jorge.

O objectivo deste trabalho obriga-nos a restringir-nos à análise demográfica que, quanto a nós se justifica por si própria. Esperamos, todavia, vir a estudar toda a outra vasta informação que estes mapas estatísticos nos legam, pois julgamo-los de bastante interesse, mesmo para a demografia, possibilitando um trabalho mais abrangente em termos temáticos.

² A.H.U., Açores, maço 112, officio de 10.III.1830.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS FONTES E POPULAÇÃO PORTUGUESA NO SÉCULO XIX

I - Fontes e sua Qualidade

Os mapas estatísticos da ilha de São Jorge para 1825, 1826, 1827³ são de abundante informação demográfica, permitindo construir a maioria dos indicadores comumente utilizados para caracterizar o estado e o movimento populacional.

Os efectivos são repartidos por brancos, mulatos e pretos, excepto no ano de 1825 em que estes dois últimos grupos são contabilizados por «mulatos e pretos». Na população branca, que constitui a esmagadora maioria dos jorgenses, são discriminados os estados civis (solteiros, casados e viúvos) para cada sexo, o mesmo não acontecendo para as outras etnias, onde são apenas indicados os sexos. São ainda apresentados os acontecimentos populacionais (casamentos, nascimentos e mortes) onde, para além da repartição homens/mulheres, se referem as idades em que tais movimentos ocorrem⁴.

Os quadros para além destas informações, disponibilizam o total de efectivos dentro de cada estado civil (homens e mulheres), bem como o somatório populacional de cada grupo etário. Na última parcela são indicadas as somas de cada sexo, para as três etnias, apresentando-se, depois, o total final da população que pode ser observado de duas maneiras: pela soma dos efectivos (masculinos e femininos) de cada raça, ou pela soma das várias faixas etárias⁵.

Note-se que ao longo deste pequeno estudo, os indicadores demográficos contarão com o total populacional no seu todo, ou seja, com a soma das três etnias, à excepção, naturalmente, das fórmulas que envolvam os estados civis⁶.

³ Os mapas estatísticos podem ser encontrados no apêndice. Apresentamos estes recenseamentos na sua forma original, tendo sido apenas acrescentada a percentagem da soma das parcelas para cada estado civil, bem como para cada classe.

⁴ As considerações sobre a repartição da população serão abordadas no ponto «Composição e estruturas populacionais», pois envolvem pormenores técnicos, que não merecem destaque neste sub-capítulo.

⁵ As faixas etárias contabilizam todas as etnias.

⁶ Todavia a população não branca regista uma percentagem de efectivos baixíssima, não deturpando, assim, qualquer indicador demográfico.

Para avaliar a qualidade das fontes utilizadas, tarefa importante para medir o grau de rigor das conclusões, recorreremos simultaneamente a quatro «métodos», que no geral nos apontaram para um grau de fidedignidade relativamente duvidoso, facto bem característico para as balizas cronológicas em que nos situamos.

O indicador mais vulgar, tido por muitos como o mais completo e fiável para aquilatar a qualidade das fontes é conhecido por *Índice Combinado das Nações Unidas*, baseando-se fundamentalmente no grau de masculinidade mas não fazendo esquecer esta relação no seio dos grupos etários. O seu cálculo aponta para 40,55; 42,12 e 51,56 relativamente a 1825, 1826 e 1827.

Todavia se nos basearmos em métodos menos sofisticados, mas que, por este facto não se podem considerar pouco seguros, constata-se que o panorama não é tão desmotivante. Seguindo uma das mais vulgares fórmulas para este efeito⁷, constata-se que estas relações estão contidas no intervalo de confiança que esta fórmula admite, observando-se até que se situam perto da média para cada intervalo.

Louis Henry, também se apoiando em fórmulas afins, preconiza que num universo de 400 nascimentos (o mais próximo dos nossos), existe um intervalo de 95-116, o que também vem, uma vez mais, matizar a escassa fidedignidade dos levantamentos⁸. Por último, sabendo-se que numa população estável o número de mulheres excede o dos homens, verifica-se que para os três anos em estudo, existe um excesso feminino de cerca de cinco pontos percentuais, valor, portanto, aceitável.

Se as relações de masculinidade entre os sexos, tomando a população total, são satisfatórias, convém não esquecer que estamos perante um universo limitado, mais vulnerável a flutuações e, por isso, assaz permissivo a indicadores de qualidade pouco satisfatórios. A população poderia apresentar um total de efectivos muito superior ou inferior ao dos levantamentos, sem que isso fizesse oscilar os indicadores de qualidade. Parece, aliás, ser o caso, como teremos ocasião de verificar quando for feita menção ao levantamento de 1825.

Tendo em conta o valor da qualidade das fontes é necessário uma certa prudência nas afirmações feitas ao longo do texto, nomeadamente na

⁷ $0,512 + ou - \sqrt{0,512 \times 0,488 / n}$, sendo n o total de nascimentos.

⁸ Louis Henry, *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*, trad. brasileira de Altiva Pilatti Balhana e Jayme António Cardoso, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1977, p. 60.

parte micro-demográfica. Se são apresentados quadros desenvolvidos para a mortalidade, fecundidade e outros indicadores, dever-se-á, antes de mais, privilegiar os valores médios, até porque este pequeno estudo incide apenas em três anos.

II - A População do Reino e dos Açores no século XIX

A população do Continente no século XIX encontra-se hoje relativamente bem estudada, merecê da quantidade de dados estatísticos disponíveis, não obstante muitos deles serem de qualidade duvidosa e não obedecerem a um critério uniforme. Já a partir de 1864, data do primeiro recenseamento sistemático e geral da população do Reino, assistimos a um novo panorama com uma substancial melhoria das informações censitárias⁹. Tal recenseamento é visto hoje pelos especialistas da Demografia Histórica como o ponto de viragem da demografia portuguesa em termos de cientificidade e, desde então, pode dizer-se que os dados estatísticos do Continente evidenciam uma quantidade e padrões de qualidade susceptíveis de fornecerem ao historiador uma visão não muito distorcida da realidade demográfica¹⁰.

Para o arquipélago açoriano não encontramos semelhantes analogias. Os registos populacionais das ilhas não são mencionados nos recenseamentos efectuados no Reino e, quando o são, revelam, por vezes, deficiências de contagem e também de informação¹¹. Assim, há que recorrer a registos efectuados em todas as ilhas e que se reportem ao mesmo ano, para podermos apontar um total da população açoriana numa determinada

⁹ Sobretudo a nível de quantidade e de maior rigor posto nos recenseamentos, já que a qualidade dos valores para 1864 se mostram-se ainda deficientes, registando apenas valores satisfatórios nos alvares do presente século. Sobre este assunto, veja-se de Custódio Cónim, *Algumas Características sobre a Qualidade dos Dados Censitários (1864/1970)*, Col. Estudos n.º 57, Lisboa, I.N.E., 1980.

¹⁰ Sobre o assunto consulte-se de Teresa Rodrigues, *Nascer e Morrer na Lisboa Oitocentista. Migrações, mortalidade e desenvolvimento*, Lisboa, Cosmos, 1995, pp.37-61, do qual nos servimos de vários valores apontados para a evolução da população do Continente no séc. XIX.

¹¹ Sem contar com o recenseamento de 1864, extensivo a todo o Reino, apenas o de 1820 (reportando-se a 1819) inclui a população açoriana, estimada nessa data em 185230. Cf. Marino Miguel Franzini, «Notícias Estadísticas sobre a Extensão e população do Reino de Portugal e Ilhas do Oceano Atlântico» in *Almanach Portuguez*, Lisboa, 1826, cit. por Joel Serrão, *Fontes de Demografia Portuguesa (1800-1862)*, Lisboa, Liv. Horizonte, 1973, p. 115.

anuidade. Tal somatório por vezes coincide cronologicamente com recenseamentos efectuados no Reino, permitindo assim uma comparação de maior confiança.

Esclareça-se, contudo, que os recenseamentos açorianos desta época, embora elaborados pela mesma entidade - a eclesiástica - seguem metodologias diferentes, o que causa, naturalmente, alguns problemas no seu apuramento.

Seja como for, tais limitações estão longe de inviabilizar uma comparação, mesmo que deficiente, na certeza de que, quer o Reino quer o arquipélago apresentariam conjunturas históricas semelhantes, de que a guerra civil terá sido o factor mais desestabilizador.

Quadro 1 - Evolução da população do Continente¹²

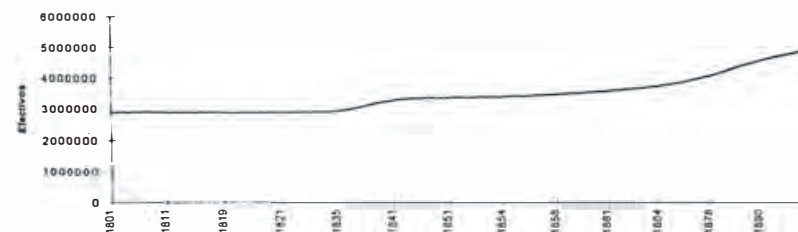
Anos	População	Densid.	T.c.a.m.
1801	2912673	32,84	
1811	2887071	32,55	-0,12
1819	3013900	33,99	0,43
1821	3026450	34,13	0,21
1835	3061684	34,52	0,08
1841	3396972	38,30	0,17
1851	3471199	39,14	0,79
1854	3499121	39,46	0,27
1858	3584677	40,42	0,61
1861	3693362	41,65	1,00
1864	3829618	43,18	1,21
1878	4160315	46,91	0,59
1890	4654095	52,48	0,94
1900	5016267	56,56	0,75

O Continente assistiria a um crescimento global entre 1801 e 1900 de cerca de 72%, a que corresponde um ritmo de crescimento médio fixado em 0,55% ao ano. Todavia, se no início da centúria se estimava a população portuguesa em cerca de 3 milhões de habitantes e, no final do século, em 5 milhões, há que realçar os diferentes ritmos de crescimento, quer em termos cronológicos, quer regionais.

¹² Para o continente utilizaram-se os dados apresentados por T. Rodrigues, *ob. cit.*, p. 41, à excepção dos anos de 1841, 1854 e 1858, que foram retirados de Maria Isabel João, *Os Açores no Século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas*, Lisboa, Cosmos, 1991, p. 37.

Como se nota pelo quadro 1, na primeira metade de Oitocentos regista-se um crescimento mínimo na ordem dos - 0,12% (1811) e um máximo de 0,79% atingido em 1851. Na segunda metade encontramos um mínimo de 0,27% (1854) e um máximo de 1,21% (1864). Na realidade, até 1851, dá-se um aumento de 19,18%, ao que corresponde uma taxa de crescimento anual média de 0,35%. A partir desta data, até 1900, o acréscimo populacional seria bastante superior, cifrando-se nos 44,51%, com uma t.c.a.m. na ordem dos 0,75% - mais do dobro da registada na 1ª metade de Oitocentos.

Evolução da população no Continente



No que respeita à densidade populacional, observa-se que aumenta de 32,8 hab./Km² para 56,56 hab./Km² ao findar da Centúria. No início do século o Minho registava o triplo da média nacional¹³, ficando-se o Alentejo pelos 11 hab./km². No intervalo destas extremidades situavam-se a Beira e a Estremadura (37-40), fixando-se o Algarve e Trás-os-Montes em 20-25. No findar da centúria a média nacional atingia os 56,56 hab/km², continuando a emergir as diferenças regionais: o Minho veria a sua densidade populacional reduzir-se progressivamente, enquanto as densidades máximas respeitavam às margens do Douro e Beira Litoral.

O programa de industrialização já fazia surtir os seus efeitos no termo da centúria, empolando as densidades populacionais para os focos in-

¹³ A média nacional rondaria os 79,6 hab./km².

dustriais como a Beira Litoral e a Estremadura. Acentue-se que Lisboa veria a sua população duplicar entre 1864 e 1900, factor responsável pelas elevadas densidades de toda a Estremadura. No Alentejo assiste-se a um crescimento moderado, embora com importantes diferenças distritais. Por último, o Algarve, alvo de um fomento das actividades marítimas, consegue obter uma densidade populacional significativa em comparação com a média nacional.

No que respeita à estrutura etária, nota-se que a população portuguesa é jovem (0-19 anos), durante todo o século XIX, pautando-se por uma homogeneidade regional. A maior proporção de jovens registar-se-ia no Algarve e na faixa costeira, enquanto a Estremadura (novamente a capital faz deturpar os valores desta região) veria aumentada a importância relativa da sua população adulta (20-59 anos). Relativamente aos idosos, o seu panorama é mais heterogéneo: se no início do século o seu peso rondaria os 9,4%, no término assiste-se a um aumento significativo da proporção de idosos (mais intenso no Norte, em zonas já previamente envelhecidas), consequência directa da emigração que já se fazia sentir com grande intensidade.

Passando agora às variáveis micro-demográficas, saliente-se a baixa substancial da mortalidade (30,3% em 1801 e 20,5% em 1900), característica das sociedades que abandonam o sistema demográfico típico do Antigo Regime¹⁴. Todavia, a natalidade não acompanhou esta descida registando 33,3% em 1801 e 30,5% em 1900. Manter-se-ia, desta maneira, um saldo fisiológico positivo, o qual não se repercutiu em toda a sua plenitude na população portuguesa, atendendo a que a emigração manteve ao longo de toda a centúria níveis muito altos, constituindo ao lado do crescimento urbano, um fenómeno relevante deste século.

¹⁴ Todavia não podemos considerar um sistema demográfico moderno na medida em que só em finais do séc. XIX os níveis de natalidade baixaram significativamente, aumentando por outro lado a esperança média de vida.

Quadro 2 - Evolução da população açoriana¹⁵

Anos	População	Densid.	T.c.a.m.
1801	183400	78,8	
1819	185230	79,6	0,10
1841	223985	96,3	0,87
1849	233409	100,34	0,52
1854	237751	102,2	0,37
1858	240113	103,2	0,25
1861	240548	103,4	0,60
1864	248028	106,6	1,00
1878	259800	111,7	0,33
1890	255594	109,9	-0,14
1900	256291	110,1	0,20

Relativamente ao arquipélago açoriano nota-se que ao longo deste século o crescimento populacional é caracterizado por diferentes ritmos e que fica aquém do incremento demográfico da metrópole. O Continente, como vimos, cresce cerca de 72%, ficando-se os Açores pelos 40%: 183400 em 1801 e 256291 em 1900. Por outro lado, na primeira metade de Oitocentos, dá-se um acréscimo na ordem dos 29,64%, excedendo em dez pontos percentuais a evolução da população continental. Na segunda metade evidencia-se um significativo decréscimo da tendência expansionista, cifrando-se agora na ordem dos 7,8%. É, assim, um panorama bem diferente do Continente, onde a partir de 1851 é detectável um impressionante incremento demográfico (44,51%).

¹⁵ Os valores respeitantes ao arquipélago foram extraídos da obra de Maria Isabel João, *Os Açores no Século XIX* [...], p. 37, à excepção dos de 1819, retirados de M. Franzini, «Notícias[...]», in *Fontes de Demografia Portuguesa* [...], p. 115, sabendo-se que o numeramento de 1820 tem por base valores recolhidos no ano anterior e o de 1849 extraído de *A População dos Açores no ano de 1849*, sep. de *Arquipélago. Revista da Universidade dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1983, de Gilberta Rocha e Vítor Rodrigues.

Evolução da população no Açoriana

Semelhante situação faria com que os Açores representassem cada vez menos população no conjunto nacional: em 1801 possuem 5,8% do total, atingindo o máximo de 6,2% (1854), mas no fim do século apenas contribuem com 4,7%¹⁶.

A população açoriana teria, por esta altura, uma distribuição geográfica bastante heterogénea, à imagem do Continente, acentuando-se os desequilíbrios ao longo do século. O distrito de Ponta Delgada aumenta progressivamente o seu peso populacional: se em 1820 detia 39% dos efectivos açorianos, em 1900 passaria a contar com cerca de metade, em parte devido à cidade de Ponta Delgada, funcionando como pólo de atracção de todo o arquipélago.

O de Angra do Heroísmo, cresce regularmente, excepto no período 1864-1878, onde regista um decréscimo mínimo. Representava em 1820, 28,6% da população açoriana, caindo este valor para 26,2% ao findar o século.

Por último, o da Horta vai perdendo paulatinamente o seu peso face ao arquipélago, registando 29,6% em 1820 e 21,5% em 1900, passando, pois, a ser o distrito com menos peso no total do arquipélago na segunda metade de Oitocentos¹⁷.

16 Maria Isabel João, *Os Açores no Século XIX* [...], p. 28. A autora refere como causas para este declínio populacional as dificuldades sócio-económicas que afectaram as ilhas, em especial o distrito da Horta, na sequência da destruição das vinhas pelo *oidium tuckeri*, em 1853, entre outras.

17 Para uma percepção da distribuição populacional dentro de cada distrito consulte-se Maria Isabel João, *ob. cit.*, p. 30, de onde retiramos os valores enunciados.

Se compararmos as densidades populacionais (v. quadro2) conclui-se que os Açores excediam em muito a média nacional, durante todo o século XIX. Note-se, porém que esta diferença tendeu a esbater-se. É que, se em 1801 o arquipélago contava com mais do dobro da densidade do Continente, em 1900 essa diferença reduziu-se para 94%. Apesar disto, no fim de Oitocentos o Corvo e Pico apresentavam já densidades inferiores à média nacional, enquanto a ilha das Flores se ia aproximando¹⁸. Seria esta elevada densidade populacional uma das causas mais pertinentes para o elevado surto emigratório que flagelou o arquipélago durante mais de um século, dada a forte pressão demográfica sobre a terra aliada a um atraso global da economia insular que não oferecia contrapesos profissionais noutros sectores.

18 *Id.*, *Ibid.*, pp. 30-31.

AS GENTES DE SÃO JORGE

I - ESTADO DA POPULAÇÃO

I - Volume Populacional

Se este pequeno estudo demográfico utiliza como fontes primárias os mapas estatísticos de 1825, 1826 e 1827, achámos por bem recorrer aos levantamentos feitos anteriormente (1807 e 1819) para a ilha de São Jorge, na medida em que seria impossível avaliar qualquer ritmo de crescimento recorrendo apenas a três anos sucessivos. Note-se, todavia, que o período para o qual existem dados - vinte anos - apenas conta com cinco recenseamentos, os quais apresentam entre si disparidades cronológicas: constata-se um grande hiato entre 1807 e 1819, havendo de 1825 a 1827 um registo anual, facto que por si só poderá ocultar importantes informações para o primeiro período.

Quadro 3 - Evolução da População Jorgense¹⁹

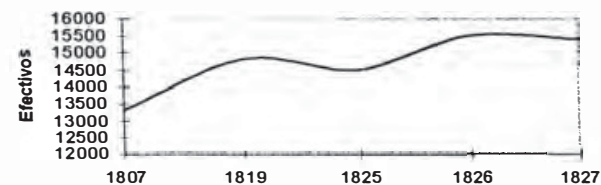
Anos	População	Densid.	Fogos	Ind. Conc.	T.c.a.m. (%)
1807	13329	56,1			
1819	14818/15600	62,4/65,69	3296	4,5	0,89/1,32
1825	14501	61,0	3020	4,8	-0,36/-1,21
1826	15504	65,3	3439	4,5	6,92
1827	15394	64,8	3552	4,3	-0,71
Média	14709/14856	61,9/62,5	3327	4,5	0,72

¹⁹ Este quadro foi elaborado com base nas fontes que a seguir se indicam: Para 1807: Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo, Capitania Geral, Mapas da População (1808-1841). «Mappa da População da Ilha de São Jorge no 1 d' Janeiro de 1808 e do que occorreo na dita População em todo o anno antecedente». Para 1819: Id., *ibid.*, «Statistica da Ilha de São Jorge em o anno de 1819» e, ainda para o mesmo anno, M. M. Franzini, «Notícias [...]» em lugar já cit.. Para 1825, 1826 e 1827: Arquivo Histórico Ultramarino, Açores, maço 112. «Mapa Estatístico da Ilha de São Jorge no anno de 1825», «Mapa Estatístico da Ilha de São Jorge no anno de 1826» e «Mapa Estatístico da Ilha de São Jorge no anno de 1827».

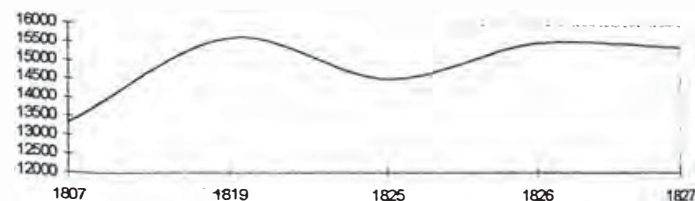
Para 1807 e 1919 foi possível elaborar o *Índice Combinado das Nações Unidas*, cifrando-se em 67,58 e 63,80: respectivamente.

GENTES DA ILHA DE S. JORGE

Evolução da população Jorgense



Evolução da população Jorgense - cenário 2



Entre 1807 e 1827 a população jorgense conta com um acréscimo de 2065 efectivos, correspondendo a uma taxa de crescimento anual médio na ordem dos 0,72%. Tendo presente que existem dois valores para 1819 não é fácil apontar com segurança qual o mais fidedigno. No primeiro caso de 1807 a 1819, verifica-se uma t.c.a.m. na ordem dos 0,89% e se tomássemos como seguro o dado de Franzini, esse crescimento rondaria os 1,32% por ano.

No período de 1825-27 constata-se uma acentuada queda de 1825 para 1826, a qual parece ser perfeitamente anormal. É verosímil tratar-se de um sub-registo populacional para 1825, na medida em que este recenseamento apresenta um saldo fisiológico bastante positivo. Por outro lado, explicar um aumento de 1003 efectivos em 1826 por um saldo migratório positivo, parece ser fantástico, já que causa estranheza face à realidade sócio-económica da ilha.

Conjugando agora os dois períodos: 1807-19 e 1825-27, torna-se igualmente difícil opinar sobre o valor mais aceitável para 1819. Tendo por base a série total, o primeiro valor para este ano tenderia a revelar um crescimento moderado da população desde 1807 a 1825 (com uma ínfima perda no período 1819-25), como se pode verificar pelas t.c.a.m.

Todavia o segundo valor disponível para 1819 poderá ser mais plausível, já que iria ao encontro de um aumento populacional relativamente paralelo ao arquipélago, tendo ainda presente, como foi referido, que o total de efectivos em 1825 seja superior ao que o levantamento indica (nive-lado, portanto, a 1826 e 1827). Assim teria-se um crescimento um pouco mais acelerado, perfeitamente possível, mas que se estagnaria a partir de 1825, facto que, também causa alguma estranheza.

Tratam-se de meras hipóteses interpretativas, a que se poderiam acrescentar outras tantas, também elas pertinentes mas ao mesmo tempo falíveis. Todavia, tendo presente o panorama demográfico do arquipélago açoriano para a primeira metade de Oitocentos, onde se assiste a um crescimento global na ordem dos 29,64%, parece-nos que no global a ilha de São Jorge ficou à margem deste movimento expansionista, embora só tenhamos dados para o primeiro quartel do século XIX²⁰. Impera, pois, proceder a uma análise dos registos paroquiais, com o intuito de corrigir os valores que aqui conseguimos reunir, bem como cobrir os restantes hiatos cronológicos.

2 - Densidade populacional e número de fogos

A ilha de São Jorge apresenta uma superfície de 237,59 km², representando cerca de 11% da totalidade do arquipélago. Pelo quadro 3 pode observar-se que teve uma densidade populacional média de cerca de 62 hab./km², registando o valor mínimo de 56,1 hab./km² em 1807 e um máximo de 65,7 hab./km² em 1820. Pela análise do quadro 4 pode ter-se uma percepção mais global destes valores face ao arquipélago açoriano para o ano de 1819²¹.

20 Maria Isabel João em *ob. cit.*, p. 30 refere que «Em São Jorge a população aumenta progressivamente até 1878, mas no último quartel perde 11,6% dos seus efectivos», mas desconhecemos se esse aumento foi sempre contínuo, bem como os valores em que se cifrou. [ATM0]

21 Dados recolhidos com base no recenseamento de 1820, já citado.

Quadro 4 - Densidades populacionais dos Açores em 1819

	São Miguel	São Maria	Terceira	Graciosa	S. Jorge	Faial	Pico	Flores	Corvo
Habitantes	69000	3810	32700	9320	15600	21340	24940	7700	910
Superfície	747	97	396,75	60,84	237,59	172	433,20	142,85	17,45
Densidade	92,3	39,3	82,4	151,7	65,7	124,1	57,6	53,9	52,23

A Graciosa e o Faial, apesar de apresentarem uma menor superfície à escala do arquipélago, tinham uma densidade populacional extremamente elevada. A primeira apresenta um relevo pouco notório, muito propício à maximização do terreno agriculturável. No Faial a vila, depois cidade da Horta, constituía o centro administrativo das ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo, e o seu porto adquiriu, no tempo, uma grande importância regional e até inter-continental²².

A densidade populacional da ilha de São Jorge estaria abaixo da média do arquipélago que, recorde-se, era de 79,7 hab./Km² em 1819, apresentando para o período de 1807-1827 a média de 63 hab./km². A razão mais plausível para esta fraca densidade reside, ao que sabemos, na geomorfologia da ilha, que exhibe um relevo muito acidentado, mais propício à criação de gado do que à exploração agrícola, bem como a uma indústria manufacturera muito incipiente.

Quanto ao número de fogos verifica-se que apresenta uma correlação com o número de habitantes, para os anos em que foi possível obter estes valores. Apresenta um índice mínimo de concentração em 1827 e um máximo de 4,8 em 1825, ano em que se constata uma fortíssima queda do número de fogos, o que não parece ser normal apesar de o número de efectivos ter também sofrido uma queda significativa. Comparativamente ao resto do arquipélago, sabe-se que a média deste índice rondava os 4,5²³, valor, portanto semelhante ao que encontramos para São Jorge, embora no período 1807-1827.

22 Sobre a Graciosa veja-se, de António Brum Ferreira, *A Ilha Graciosa*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1956, pp. 231-269 e, sobre o Faial, de Marcelino Lima, *Anais do Município (História da Ilha do Faial)*, Famalicão, 1943, pp. 447 e segs.

23 Maria Isabel João, *ob. cit.*, p. 31. A autora apresenta os valores da dimensão média dos fogos açorianos por distrito, por onde extraímos a média para 1841.

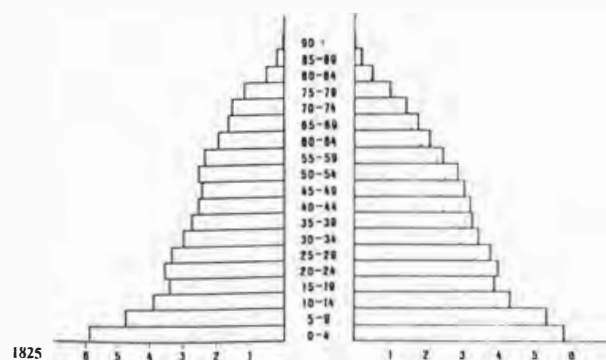
3 - Composição e estruturas populacionais

3.1 -Estrutura da população

A estrutura da população reúne os efectivos por grupos decenais, à excepção dos dois primeiros (1-5 e 5-10)²⁴. Julgamos que o grupo 1-5 corresponde aos efectivos entre 0 e 4 anos, tendo em conta que nesta época era muito frequente contabilizarem-se os bebés como tendo um ano²⁵. É de admitir esta hipótese como correcta, já que a pirâmide de idades é perfeitamente regular nos primeiros agrupamentos, semelhante, portanto com as restantes pirâmides demográficas do Antigo Regime²⁶.

PIRÂMIDES ETÁRIAS POR GRUPOS QUINQUENAIS

A linha a tracejado representa a diferença entre o número de homens e o de mulheres

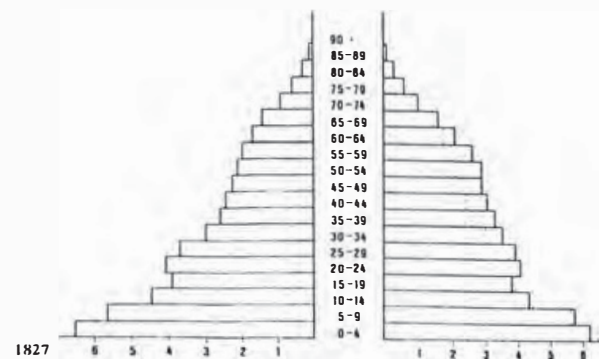
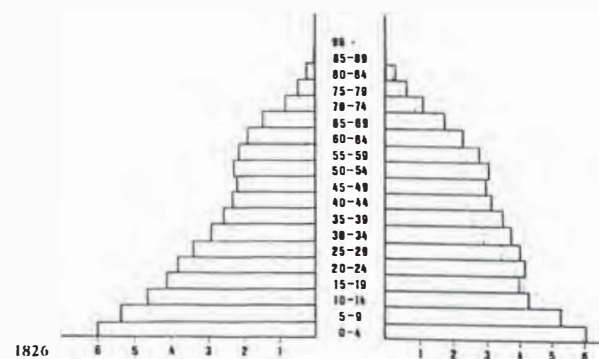


24 Consultem-se os mapas estatísticos em apêndice.

25 Não se esqueça que o grupo etário 0-4 é de criação moderna, inconcebível ainda para a maioria da população desta época. É pertinente também perguntar se os nascimentos estariam incluídos no total da população, resposta que se nos afigura afirmativa, por esta ordem de ideias e por a estrutura etária da população jorgense apresentar valores normais no que concerne à transição do 1º para o 2º escalão etário.

26 Por outro lado a mortalidade no grupo 1-5 ronda os 25‰, valor muito alto, o que faz supor uma taxa de mortalidade infantil por certo superior a 300 por mil. Se acaso o recenseamento ocultasse a população inferior a um ano a t.m.i. seria muito superior à indicada, que já de si é exageradamente alta.

GENTES DA ILHA DE S. JORGE



Quadro 5 - Repartição da população segundo grupos quinquenais

Anos	1825				1826				1827			
	Idades	Homens	%	Mulheres	%	Homens	%	Mulheres	%	Homens	%	Mulheres
0-4	865	5,97	862	5,88	916	5,95	936	6,07	997	6,48	960	6,24
5-9	692	4,77	776	5,36	828	5,38	810	5,26	869	5,65	894	5,74
10-14	564	3,89	626	4,32	714	4,64	669	4,27	697	4,46	668	4,34
15-19	495	3,41	562	3,88	636	4,13	599	3,89	604	3,92	580	3,83
20-24	514	3,54	574	3,96	582	3,84	643	4,17	627	4,07	626	4,07
25-29	484	3,34	548	3,78	529	3,43	624	4,05	573	3,72	600	3,90
30-34	429	2,96	502	3,46	452	2,93	574	3,73	461	2,99	544	3,53
35-39	394	2,72	476	3,28	400	2,60	534	3,47	401	2,60	504	3,27
40-44	364	2,51	472	3,25	364	2,36	495	3,15	377	2,45	469	3,05
45-49	349	2,41	445	3,07	345	2,24	459	2,98	349	2,27	444	2,88
50-54	365	2,52	404	2,79	368	2,32	472	3,06	330	2,14	445	2,89
55-59	339	2,34	361	2,49	335	2,17	431	2,80	301	1,96	402	2,61
60-64	276	1,90	312	2,15	290	1,88	351	2,28	271	1,76	323	2,10
65-69	235	1,63	262	1,81	229	1,49	271	1,76	221	1,44	249	1,62
70-74	218	1,50	211	1,46	133	0,86	168	1,09	144	0,94	157	1,02
75-79	166	1,14	153	1,06	75	0,49	97	0,63	91	0,59	93	0,60
80-84	74	0,51	77	0,53	37	0,24	41	0,27	46	0,30	45	0,29
85-89	27	0,19	32	0,22	12	0,08	7	0,05	16	0,10	15	0,10
90+	2	0,01	2	0,01					2	0,01	9	0,06
Total	6854	47,26	7647	52,74	7245	47,02	8159	52,88	7367	47,86	8027	52,14

Pela análise geral das três pirâmides etárias²⁷ observa-se que estamos perante estruturas perfeitamente regulares, com uma base alargada típica de sociedades onde existe um fraco controle de natalidade e onde os níveis de mortalidade são também elevados. Implica, assim, elevadas proporções de jovens e um topo relativamente reduzido²⁸. É visível logo após à base uma regressão algo rápida, graças à violência da mortalidade nos primeiros grupos etários, sobretudo para o ano de 1825 e 1827.

27 Estas pirâmides encontram-se escalonadas por grupos quinquenais pelo que recorreremos à seguinte fórmula para a sua feitura: $N' = 1/2 [N+1/8 (N-1 - N+1)]$ e $N'' = 1/2 [N - 1/8 (N-1 - N+1)]$. Desta maneira as pirâmides etárias que se apresentam podem deturpar a visão estrutural desta população, sobretudo se tivermos em conta que se tratam de universos relativamente pequenos. Para uma análise mais fidedigna da distribuição da população por idades, vejam-se as pirâmides etárias que se apresentarão, quando se compararem os estados civis por grupos de idade.

28 J. M. Nazareth designa estas pirâmides por *acento circunflexo*. Cf. *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*, Lisboa, Presença, p. 169.

No ano de 1825 nota-se um escasso predomínio dos grupos 20-24 e 50-54 para qualquer dos sexos em relação aos grupos que os precedem²⁹. Julgamos que a causa não pode ser vista pelos efeitos migratórios, já que estes pressupõem um alargamento dos efectivos masculinos a partir dos 20 anos até, sensivelmente, o grupo 50-54 o que não acontece³⁰. Ao mesmo tempo, se postulássemos um fenómeno emigratório considerável, deparar-se-nos-íamos com uma regressão na faixa 20-49 (para a população masculina), podendo depois a pirâmide acusar um acento circunflexo a partir dos efectivos que já não estavam em condições de emigrar, facto que também não é observável em qualquer das pirâmides etárias. A explicação para este fenómeno parece residir na fórmula utilizada para a elaboração destas pirâmides, se tivermos em consideração que as pirâmides elaboradas com os dados originais não apresentam estes desajustes.

No que concerne às relações de masculinidade, como é sabido numa população com características normais a proporção de mulheres até aos 15 anos é superior à dos homens com a mesma idade. Este valor vai-se esbatendo à medida que avançamos para o cimo da pirâmide, registando a população contabilizada no seu todo uma ligeira vantagem de mulheres sobre o sexo masculino.

Em 1825 verifica-se que existe alguma irregularidade quanto às relações de masculinidade, já que os homens com idade inferior a 15 anos são em número muito inferior ao das mulheres para a mesma idade. É de aceitar que se trate de uma má recolha³¹.

Para 1826 nota-se um panorama muito diferente ao do ano anterior, talvez até inverso. Na realidade, os efectivos masculinos até aos 19 anos são consideravelmente superiores à pirâmide antecedente, chegando mesmo a exceder o sexo feminino em escassos pontos percentuais. Mesmo assim, cremos que este ano apresenta uma estrutura bem mais regular do que em 1825. Quanto à última pirâmide, nota-se que se aproxima da de

29 No ano de 1826 e 1827 também se observam pequenos desajustamentos de grupos etários, mas apenas nos servimos do exemplo de 1825 para explicar a razão causadora deste desajuste.

30 Que *grosso modo*, e com algumas excepções, são os efectivos com maior propensão a migrar.

31 Poderia igualmente tratar-se de uma diferença nos níveis de mortalidade, mas esta hipótese parece pouco viável, na medida em que a mortalidade afecta normalmente os dois sexos com um ligeiro acréscimo para os homens.

1826, mas apresenta uma estrutura mais regular em termos de relações de masculinidade³².

No global, o número de mulheres excede um pouco os valores do sexo oposto, na ordem dos 5%³³ para todos os anos. Este valor, que é perfeitamente normal em qualquer população, indicia, à partida, um erro não grave nos dados dos levantamentos.

3.2 - Estrutura da população por estados civis (grupos decenais)

Analisando em primeiro lugar os estados civis repartidos por grupos decenais, verifica-se que a população para os três anos é maioritariamente solteira, como, aliás, é normal para todas as sociedades. Em qualquer das pirâmides o grupo 10-20 é constituído por uma esmagadora maioria de solteiros, para os dois sexos, registando uma percentagem de indivíduos casados quase nula para 1825 e 1826. Na faixa etária 20-30, observa-se que o número de indivíduos casados aumenta substancialmente, como é natural. Todavia continua-se a assistir a um predomínio algo considerável dos indivíduos solteiros, facto característico nestas populações, onde as idades médias de casamento eram tardias, face aos condicionamentos económico-sociais que se entrepunham.

É, pois, no grupo 30-40 que esta tendência se inverte, já que a maioria da população se encontra casada, especialmente nos anos de 1826 e 1827. Nas seguintes faixas etárias nota-se que a proporção de solteiros vai diminuindo progressivamente para os dois sexos, à excepção do ano de 1825, onde a proporção de solteiros aumenta ligeiramente do grupo 60-70 para o 70-80. Em contrapartida, em qualquer das pirâmides, ao decréscimo da proporção de solteiros, encontra-se um aumento progressivo da população viúva, visível sobretudo a partir dos 40 anos, mas atingindo fortemente a população feminina acima dos 50 anos³⁴.

Em termos de uma visão global dos estados civis segundo grupos etários, nota-se que não existem alterações dignas de menção para os três anos. Qualquer das pirâmides aponta para uma população que segue as li-

32 Como já se referiu, esta pirâmide foi obtida a partir de valores decenais, o que naturalmente pode ter deturpado a distribuição populacional dos primeiros grupos etários e, conseqüentemente, as relações de masculinidade.

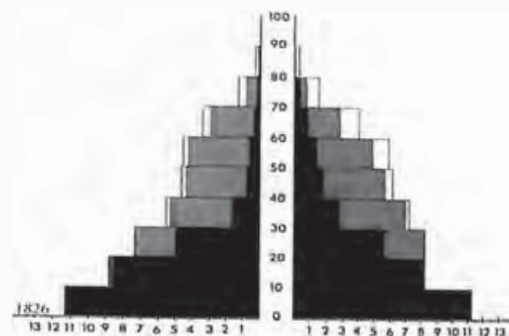
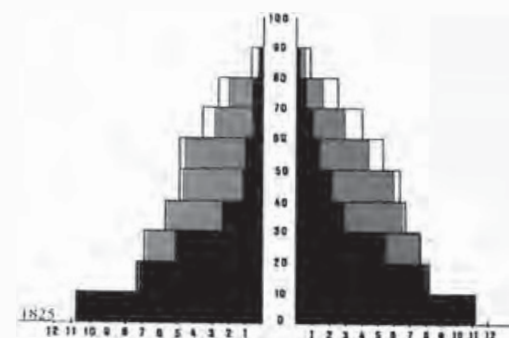
33 Para uma visão global das relações de masculinidade vejam-se os mapas estatísticos da ilha de São Jorge para os referidos anos, em anexo.

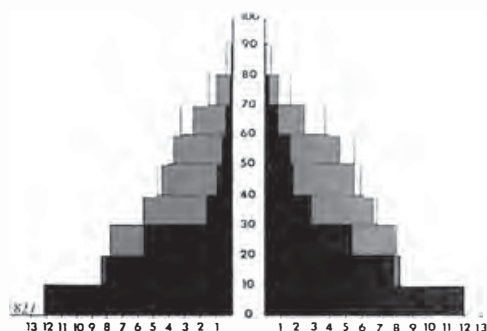
34 Acima dos 50 anos as percentagens de mulheres viúvas rondam *grosso modo* os 0,5%.

nhas gerais do sistema demográfico de Antigo Regime, onde é patente uma grande percentagem de solteiros até aos 30 anos, sendo a idade média de casamento algo tardia. Verifica-se que as mulheres também se casam tardiamente, mas a percentagem de solteiras acima dos 30 anos é muito elevada em comparação ao sexo oposto, indiciando um forte celibato feminino, característica esta também visível na demografia do Antigo Regime.

PIRÂMIDES ETÁRIAS SEGUNDO O ESTADO CIVIL

A preto são representados os solteiros, a cinzento os casados e a branco os viúvos
Valores percentuais





3.2.1 - Repartição da população segundo o estado civil

Quadro 6 - A População segundo o estado civil

Anos	Homens			Mulheres			Total		
	Soit	Casad	Viúv.	Soit	Casad	Viúv.	Soit	Casad	Viúv.
1825	60,30	36,51	4,19	61,71	31,04	7,24	61,04	33,15	5,80
1826	60,90	36,44	3,66	60,60	31,81	7,59	60,74	33,52	5,74
1827	62,32	32,81	4,87	61,91	30,12	7,97	62,13	31,42	6,45

O quadro 6 apresenta a repartição da população total de cada ano por estados civis para o sexo masculino e feminino. Apresenta-se também o total para os três anos em que se adicionam os dois sexos, o qual confere uma leitura mais sintética e global da realidade.

No ano de 1825 a maioria da população masculina encontra-se solteira (60%), existindo um escasso número de viúvos (4%), face ao universo total e, com uma proporção equilibrada de casados. Para o sexo feminino, semelhantes proporções não encontram diferenças dignas de menção. Verifica-se tão só que o número de mulheres casadas regista um decréscimo de quatro pontos percentuais relativamente ao sexo masculino, valor que se irá reflectir, não no número de solteiros, mas na percentagem de viúvas que se cifrará nos 7%.

Apresentado o panorama de 1825, pouco há a acrescentar para os subsequentes anos. As proporções em análise registam valores análogos quer se trate do sexo masculino ou do feminino, todavia neste último é patente, como referido, uma maior presença de viúvas em detrimento das casadas, facto perfeitamente aceitável dadas as esperanças médias de vida serem diferenciais para os dois sexos.

Fixemo-nos, então no total, que nos permite verificar uma situação também idêntica para qualquer dos anos e sexos, já que a homogeneidade é elevada, permitindo também esbater a diferença entre a população viúva. A maior parte da população encontra-se solteira (c. 61%), seguindo-se um número de casados que corresponde *grossa modo* a um terço dos efectivos jorgenses. O total de viúvos (c. 6%), alto para populações actuais, revela-se normal para este tipo de sociedades, com tendência para uma viuvez feminina algo elevada.

3.3 - Repartição da população segundo grupos etários

Quadro 7 - Repartição populacional por grupos etários

Anos	0-14	%	15-59	%	60+	%
1825	4 376	30,18	8 077	55,70	2 048	14,12
1826	4 861	31,56	8 832	57,34	1 711	11,10
1827	5 065	32,90	8 647	56,17	1 682	10,93
Média	14 302	31,57	25 556	56,42	5 441	12,01

A análise global da evolução e diversidade das estruturas ficaria incompleta se não se fizesse alusão aos grupos funcionais, os quais consistem em agregar os efectivos em grandes grupos, facilitando as comparações e tendo a vantagem de constituir um método mais global e conciliador já que permitem uma análise da correlação de três grandes grupos etários³⁵.

Seguindo a classificação adoptada, comprova-se a existência de uma população que se pode considerar relativamente jovem. Para o primeiro ano a faixa etária 0-14 representa 30% do total, verificando-se que a população activa é superior ao somatório das restantes. Consta-se, também, que a percentagem de idosos (14%) não se pode considerar baixa. Nos anos posteriores nota-se que a população mais jovem foi progressivamente aumen-

³⁵ São vários os limites etários utilizados para efectuar essa divisão, mesmo quando se analisam populações com especificidades idênticas. Comumente os critérios mais utilizados subdividem a população em: 0-14 ou 0-19; 15-64 ou 20-59; 65 e mais anos. Todavia achámos por bem subdividir a população em grupos de: 0-14 (crianças), 15-59 (população activa) e 60+ (idosos), por nos parecer adequar melhor a este tipo de população, dada a sua estrutura sócio-económica. Por outro lado a subdivisão aqui efectuada vai ao encontro dos estudos demográficos portugueses efectuados para a mesma época e que incidem em sociedades afins à jorgense. Faz-se, todavia, a ressalva de se tratar de um critério falível, podendo não espelhar da melhor maneira a estrutura populacional.

tando o que se vai reflectir na população idosa que em 1826 baixa para 11%, valor que se mantém para o ano subsequente. Correlativamente temos uma quase estabilidade da população activa que em pouco excede os 56%, se fizermos a média para os três anos.

Repartição da população por grupos etários - média



Pela análise global dos três anos, fica-se, pois, com a impressão de que a população tendeu a tornar-se mais jovem, sem se repercutir no peso da população activa. Em qualquer dos anos esta última supera as duas restantes faixas etárias, facto que aponta para um *ratio* de dependência total inferior a 100%, como veremos de seguida.

3.4 - Índices-resumo

Os índices-resumos construídos a partir dos grupos funcionais permitem uma melhor visão da estrutura da população, sobretudo se tivermos em conta os aspectos de carácter económico. Referimo-nos ao Índice de Vitalidade (IV) e aos *Ratio* de Dependência Total (RDT), de Jovens (RDJ) e Idosos (RDI)³⁶.

Quadro 8 - Índices resumo para 1825, 1826 e 1827

ÍNDICES-RESUMO	1825	1826	1827
Envelhecimento na base (Jovens ou 0-14)	30,18	31,56	32,90
População Activa (15-59)	55,70	57,34	56,17
Envelhecimento no topo (Idosos ou 60+)	14,12	11,10	10,93
Rácio (Idosos/Jovens) ou índice de vitalidade	46,80	35,20	33,21
Rácio de dependência dos jovens (Jovens/Pop. Activa)	54,18	55,04	58,58
Rácio de dependência dos idosos (Idosos/Pop. Activa)	25,36	19,37	19,45
Rácio de dependência total (Jovens+Idosos/Pop. Activa)	79,53	74,41	78,03

³⁶ As fórmulas para calcular estes índices são as seguintes:

IV = Pop. idosa/Pop. jovem x 100; RDT = Pop. jovem + idosa/Pop. adulta x 100; RDJ = Pop. jovem/Pop. adulta x 100 e RDI = Pop. idosa/Pop. adulta x 100 (J. Nazareth, *Princípios e Métodos* [...], pp. 172-174)

O índice de vitalidade expressa a relação entre o número de idosos e de jovens, crescendo a vitalidade à medida que o peso dos jovens vai superando o dos idosos. Seguindo este indicador, verifica-se para os três anos que a sociedade jorgense conta com um crescimento de vitalidade, com relevância para o ano de 1826, onde a proporção de idosos face aos jovens baixa consideravelmente.

O *ratio* de dependência dos jovens regista um aumento progressivo ao longo dos três anos na ordem dos 4,4%, situando-se a sua média nos 38,4%. Observa-se, pois, que a população em idade activa era consideravelmente superior à jovem, tendo em conta que para cada 100 efectivos aptos a trabalhar existiriam cerca de 38 jovens. O *ratio* de dependência dos idosos acusa valores mais baixos se compararmos com o *ratio* de dependência dos jovens, apresentando um valor máximo de 25,36% para 1825, registando depois um decréscimo. Fazendo a média para os três anos, verifica-se que para cada 100 efectivos em idade de trabalho, existiriam cerca de 21 idosos.

De grande importância se reveste, porém, o *ratio* de dependência total, indicador precioso se pretendemos uma visão economicista da sociedade, na medida em que permite avaliar a intensidade dos grupos inactivos e a pressão que estes exercem sobre a população em faixas etárias economicamente produtivas. Deste modo, o R.D.T. agrupa os dois últimos indicadores, tendo a vantagem de apresentar uma informação mais global e directa.

Verifica-se que, ao longo deste período, o R.D.T. regista um valor máximo de 79,53% em 1825, verificando-se uma queda assinalável no ano subsequente, enquanto que, no último ano, se aproximaria novamente do valor máximo. A explicação para a queda verificada em 1826 parece residir na diminuição significativa do peso que os idosos exerciam sobre a população activa, não acontecendo o mesmo para os jovens, onde, aliás, se constata um panorama inverso, embora com pouco significado percentual.

Em termos globais, o R.D.T., situar-se-ia na ordem dos 77,32%, se fizermos a média para os três anos, valor que se pode considerar relativamente bom, na medida em que a população em idade activa excederia em cerca de um quarto a população inactiva. Tornar-se-ia apenas preocupante, se atingisse ou ultrapassasse os 100%, valores que indiciariam uma região sócio-economicamente desequilibrada³⁷.

³⁷ Para Lisboa sabe-se que o R.D.T. cifrava-se nos 80,6% e 61,5%, para 1801 e 1864, respectivamente. Cf. T. Rodrigues, *ob. cit.*, p. 84.

III - DINÂMICA POPULACIONAL

Passemos agora a analisar, de modo sucinto, os comportamentos microdemográficos da população jorgense, dado que somente a partir desta análise se podem compreender de melhor forma os ritmos de crescimento, as estruturas populacionais e o volume desta sociedade. Na verdade, se a macrodemografia nos elucidar sobre os principais vectores do evoluir de uma população, a microdemografia permite compreendê-los de melhor maneira, bem como apontar as causas desse movimento, permitindo, por outro lado, avaliar os comportamentos colectivos.

Para tal servimo-nos de várias taxas brutas (mortalidade, natalidade, fecundidade e movimentos migratórios), indicadores que, apesar de grosseiros, fornecem uma aproximação à realidade demográfica. É de salientar, contudo, que as taxas apresentadas são obtidas a partir de levantamentos gerais da população e, por isso, este estudo teria sido enriquecido se tivéssemos procedido a uma exploração dos registos paroquiais, de maneira a construir índices mais sofisticados, cruzando-os desta maneira com os dados do recenseamento.

1- Mortalidade

Quadro 8 - Taxas de mortalidade para 1825, 1826 e 1827³⁸

Anos	1825	1826	1827	Média
Óbitos	329	276	281	295,33
T. Populacional	14501	15404	15394	15099,67
T.B.M. (x1000)	22,68	17,91	18,24	19,61

Pela análise do quadro 8 verifica-se que o número de óbitos para os três anos em estudo regista uma queda significativa de 1825 para 1826, na ordem dos 16,1%, valor muito baixo se tivermos em conta que a população aumenta consideravelmente neste ano. No ano de 1827 nota-se uma maior correlação entre o número de óbitos e o total populacional, situando-se a t.b.m. (média) pelos 19,61%.

A evolução das taxas de mortalidade para este triénio não evidencia sobressaltos de maior, atendendo a que o valor máximo e mínimo afastam-se da média 3,07 e 1,7, respectivamente, não sendo assim de prever

38 T.B.M.= Óbitos / Total da População x 1000.

ter existido qualquer crise de mortalidade. Os níveis atingidos pelo número de óbitos para este período, são incontestavelmente baixos, deixando entrever um subregisto de óbitos, ou um excesso na avaliação do número de efectivos para os três anos.

Para esta cronologia³⁹ julga-se que os valores da mortalidade rondariam entre os 28 e os 38 por mil, segundo relata P. Guillaume e Possou⁴⁰, atendendo ao exemplo francês em finais do século XVIII, que no geral apresenta afinidades com a realidade demográfica de São Jorge nesta época.

Para os anos de 1807 e 1819 foi-nos possível calcular a taxa bruta de mortalidade para a ilha de São Jorge, que se cifrou em 12,08‰ e 19,98‰, respectivamente. Se também estes valores são baixos, especialmente o de 1807, acusando um sub-registo de óbitos, a verdade é que, segundo têm demonstrado alguns estudos, a mortalidade açoriana regista valores de mortalidade substancialmente inferiores aos do Continente.

Segundo Gilberta Rocha e Vítor Rodrigues, a taxa de mortalidade entre 1849/61 era significativamente inferior (Continente - 1857 = 28,9‰; 1862 = 23,1‰), passando-se o inverso para a natalidade, situação que tenderia a esbater-se em ambos os casos à medida que se avança para 1862.⁴¹ Para o Pico, Norberta Amorim, no seu aprofundado estudo, refere que a taxa bruta de mortalidade rondaria os 13,15‰, valor que considera singular no contexto açoriano, tendendo durante todo o século XIX a registar baixos valores⁴².

Utilizaram-se aqui os escalões etários fornecidos pelos mapas estatísticos, não se enveredando por uma diferente repartição por se considerar que semelhantes ajustes poderiam trazer maior grau de erro.⁴³

39 Subentende-se aqui de um mesmo sistema demográfico.

40 P. Guillaume e J. P. Poussou, *Démographie Historique*, Paris, A. Colin, 1970, cit. por J. Manuel Nazareth e Fernando Sousa, «A Demografia Portuguesa em finais do Antigo Regime - aspectos sociodemográficos de Coruche» in *CADERNOS da Revista de História Económica e Social*, nº4, Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 32.

41 Gilberta Rocha e Vítor Rodrigues, já cit., p. 348.

42 Norberta Amorim, *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, s.l., Univ. do Minho, s.d., p. 268.

43 Recorde-se que, em populações com modestos universos, os métodos de ajuste para os diversos índices são, não poucas, vezes responsáveis por erros de maior calibre.

A taxa bruta de mortalidade apresenta o inconveniente de ocultar em que medida um grupo etário é por ela afectado, existindo, portanto, assinaláveis diferenças entre os vários escalões de efectivos. Pela análise dos quadros e respectivos quadros para 1825, 1826 e 1827, poder-se-á obter uma melhor visão da incidência da mortalidade em cada um dos grupos populacionais.

Quadro 9 - Taxas de mortalidade para 1825, 1826 e 1827

Idades	Total de óbitos			População			Taxa x 1000			Px			PxTx		
	1825	1826	1827	1825	1826	1827	1825	1826	1827	1825	1826	1827	1825	1826	1827
0-4	144	128	118	1718	1851	1957	83,82	69,15	60,30	0,1185	0,1202	0,1271	9,93	8,31	7,66
5-10	28	2	12	1468	1638	1753	19,07	1,22	6,85	0,1012	0,1063	0,1138	1,93	0,13	0,78
10-20	10	2	9	2247	2607	2549	4,45	0,77	3,53	0,1550	0,1692	0,1656	0,69	0,13	0,58
20-30	14	12	16	2120	2388	2426	6,60	5,03	6,60	0,1462	0,1550	0,1575	0,96	0,78	1,04
30-40	18	7	13	1801	1960	1910	9,99	3,57	6,81	0,1242	0,1272	0,1240	1,24	0,45	0,84
40-50	26	15	17	1630	1653	1639	15,95	9,07	10,37	0,1124	0,1074	0,1052	1,79	0,97	1,10
50-60	23	19	19	1489	1596	1478	15,66	11,90	12,80	0,1013	0,1036	0,0965	1,59	1,23	1,24
60-70	25	51	37	1086	1141	1064	23,02	44,70	34,77	0,0748	0,0741	0,0691	1,72	3,31	2,40
70-80	28	34	31	748	473	485	37,43	71,88	63,92	0,0516	0,0307	0,0316	1,93	2,21	2,02
80+	13	6	9	214	97	133	60,75	61,86	67,67	0,0145	0,0063	0,0086	0,90	0,39	0,58
TOTAL	329	276	281	14501	15404	15384				1	1	1	22,68	17,91	18,24

A linha Tx⁴⁴ representa a mortalidade tomando por universo um determinado grupo etário, enquanto a PxTx⁴⁵ reflecte a mortalidade de um determinado grupo face ao total populacional. As taxas de mortalidade por grupo, numa visão geral, correspondem à curvatura da linha-tipo que se pode encontrar em populações do mesmo âmbito cronológico⁴⁶, isto, claro está, em termos tendênciais.

Verifica-se na população jorgense uma taxa de mortalidade excepcionalmente baixa para o escalão 0-5, especialmente para o ano de 1826. Este ainda, conta com apenas 2 óbitos para as idades compreendidas entre 10 e 20 anos, valores também eles muito baixos, em comparação com os restantes anos.

A análise da série em termos globais indica para uma distorção grave das taxas de certos grupos etários - o mais atingido é o escalão 5-10 -, re-

44 Tx= Total de Óbitos / Total da população de um grupo etário x 1000.

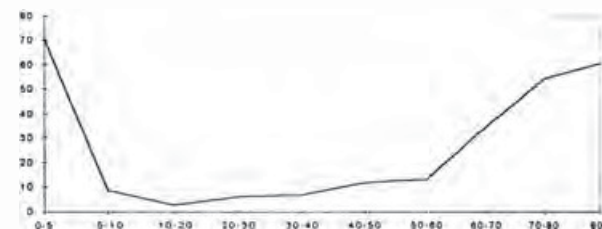
45 PxTx é o resultado do produto de Px por Tx, sendo Px= Total de um grupo etário / População Total.

46 É o que se pode inferir, nomeadamente, pelas taxas de mortalidade geral do Pico para as gerações compreendidas entre 1800 a 1849. Cf. Norberta Amorim, já cit., pp. 225-227.

lativamente ao padrão, à medida que se verifica uma fraca correlação entre as taxas de mortalidade por grupo entre os três anos em estudo.

Semelhante realidade tem de ter presente os problemas encontrados na qualidade dos registos e, parcialmente num possível sub-registo na mortalidade, panorama que se agrava em populações reduzidas, sujeitas, portanto, a grandes flutuações. Tal facto leva-nos a enveredar por uma sucinta análise da mortalidade diferencial, tendo em conta o gráfico que reúne a média de 1825, 1826 e 1827.

Mortalidade por grupos (Tx) - média



O gráfico indica-nos a excepcional queda da mortalidade no grupo 5-10 que decresce de 70,58% para 8,64%, valor este bastante baixo. Para o grupo 10-20, a taxa fixa-se nos 2,84%, já admissível, valores que irão registar uma subida moderada até ao grupo 50-60. Deste grupo aos efectivos do escalão 60-70 regista-se uma forte subida, bem superior ao que é normal, já que este aumento deveria começar a esboçar-se mais cedo. Trata-se, portanto de uma linha média que, tendencialmente, corresponde à curvatura dos valores de cada ano, razão pela qual convém não esquecer as oscilações de ano para ano.

1.2 - A Mortalidade infantil

Recorde-se que população jorgense apresenta para o primeiro escalão etário o grupo 0-4 anos, impossibilitando o cálculo da taxa de mortalidade infantil de modo rigoroso. Esta consiste na relação das crianças falecidas no decurso de um ano, com menos de um ano de idade, para o número de crianças nascidas nesse mesmo ano⁴⁷.

47 Alfred Sauvy, *Elementos de Demografia*, trad. brasil. de Ramiro da Fonseca, Rio de Janeiro, 1976, p. 97.

Na impossibilidade deste cálculo podemos estimar a taxa de mortalidade juvenil⁴⁸ (0-4), fazendo a partir daí uma *extrapolação* para a mortalidade infantil que, como se sabe, é consideravelmente superior aos anos subsequentes.

Quadro 10 - Taxa de mortalidade juvenil

Anos	1825	1826	1827
Óbitos (0-4)	144	128	118
População (0-4)	1718	1851	1857
Taxa (por mil)	83,82	69,15	63,54

Conhecendo os valores da taxa de mortalidade juvenil e sabendo-se que a mortalidade até ao primeiro ano de vida seria bem superior à dos 3 anos subsequentes, poder-se-á apontar uma taxa de mortalidade infantil não inferior a 200 por mil⁴⁹.

Comparativamente a outras taxas de mortalidade infantis para a época, sabe-se que na ilha do Pico a mesma taxa atingia os 123%⁵⁰, para os anos compreendidos entre 1820 e 1829⁵¹, enquanto em Lisboa alcançava valores superiores a 200 por mil⁵², de onde se infere, dentro da escassez de estudos para este assunto, que a taxa de mortalidade infantil jorgense para o período em estudo se situaria dentro dos parâmetros normais.

48 T.M.J. = Óbitos (0-4) / População (0-4) x 1000.

49 Atente-se ao carácter relativo deste valor. Por outro lado se aplicarmos a taxa de mortalidade do grupo 5-10 ao grupo 0-4 poderemos ter uma aproximação grosseira da TMI, também na ordem dos 200 por mil.

50 Cf. Norberta Amorim, *Evolução Demográfica de Três Paróquias* [...], p. 218. Para uma visão da taxa de mortalidade infantil açoriana, mas para o século XX, veja-se de Gilberta Rocha, *Dinâmica Populacional dos Açores no Século XX. Unidade, Permanência, Diversidade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, pp. 137-159.

51 Cf. T. Rodrigues, *ob. cit.*, p. 113. Para 1801 e 1864 temos uma taxa de mortalidade infantil na ordem dos 257,44%^o e 223,47%^o, respectivamente.

1.3 - Esperança média de vida

Tendo por base os valores das taxas brutas de mortalidade da população jorgense para 1825, 1826 e 1827 é possível esboçar qual seria a esperança média de vida à nascença, recorrendo às tábuas tipo de A. Coale e P. Demeny⁵². Assim, fazendo a média para os três anos, as mulheres teriam por esperança média de vida 45 anos, enquanto os homens rondariam os 43, cifrando-se o total em 44 anos.

Norberta Amorim, através de cálculos da mortalidade por idades, estimou que a esperança média de vida à nascença para gerações nascidas entre 1800 e 1849, se situaria na ordem dos 53 anos, valor extremamente alto, quer para a realidade do arquipélago, como para a do Continente, ficando-se a dever ao singular comportamento da mortalidade nesta ilha⁵³.

Para a cidade de Lisboa, sabe-se que em 1864, as mulheres aspirariam a viver cerca de 33 anos, ficando-se os homens pelos 31⁵⁴. A população jorgense, contaria, pois, com uma esperança média de vida bastante superior à da Capital, o que não é estranho, tendo em conta que as condições higiénicas de Lisboa, entre vários outros factores, seriam consideravelmente inferiores às de um meio rural, como o da ilha de São Jorge.

2 - Natalidade, fecundidade e nupcialidade

2.1 - Volume de nascimentos e níveis de natalidade

Quadro 11 - Taxas de natalidade

Anos	1825	1826	1827	Média
Nascimentos	556	549	585	563,33
T. Populacional	14501	15404	15394	15099,78
T.B.N. (x1000)	38,34	35,64	38,00	37,31

52 Ansley Coale e Paul Demeny, *Regional Model Life Tables and Stable Populations*, 2ª ed., Nova Iorque, Academic Press, 1983, pp. 782-790. Entre os modelos 10 e 11, optou-se por este último por se aproximar mais das taxas de que dispomos.

53 Norberta Amorim, *ob. cit.*, p. 234.

54 Cf. T. Rodrigues, *ob. cit.*, p. 112.

Para o período em estudo são várias as taxas brutas de natalidade⁵⁵ apontadas como normais, diferindo, no entanto, de país para país. De um modo global a t.b.n. compreender-se-ia entre os 35 e os 45 por mil⁵⁶, verificando-se, portanto que as taxas para São Jorge estão compreendidas dentro dos valores admissíveis.

Para os três anos verifica-se que as oscilações à média não foram significativas, registando-se o valor mais baixo em 1826 (35,64‰), o qual por sua vez também atingiu, como vimos, o valor mínimo de mortalidade.

2.2 - Níveis de fecundidade

A taxa bruta de natalidade apresenta o grave inconveniente de relacionar os nascimentos com todos os efectivos populacionais, advindo daí uma deformação da realidade, já que apenas as mulheres entre os 15 e os 49 anos se encontram em condições de procriar⁵⁷. Deste modo a taxa de fecundidade geral⁵⁸ permite-nos avaliar de uma forma mais realista o índice de fecundidade de uma população em geral.

Quadro 12 - Taxas de fecundidade geral

Idades	1825		1826		1827				
	Efectivos	% Nasc.	Efectivos	% Nasc.	Efectivos	% Nasc.			
15-19	562	15,70	599	15,29	590	15,62			
20-24	574	16,04	643	16,41	626	16,57			
25-29	548	15,31	624	15,93	600	15,89			
30-34	502	14,03	574	14,65	544	14,40			
35-39	476	13,30	534	13,63	504	13,34			
40-44	472	13,19	485	12,38	469	12,42			
45-49	445	12,43	459	11,71	444	11,76			
TOTAL	3579	100	556	3918	100	549	3777	100	585
FECUNDIDADE	155,35		140,12		154,88				

O quadro 12 apresenta as diversas faixas etárias para as mulheres em período fértil, verificando-se que existe uma relativa homogeneidade entre os diversos grupos de efectivos. Todavia, não se conhecem os valores dos nascimentos em relação aos grupos etários, inviabilizando assim a hipóte-

55 T.B.N.= Total de Nascimentos / Total Populacional x 1000.

56 Cf. «A Demografia Portuguesa [...]», pp. 33-34.

57 São vários os escalonamentos para o período fértil da mulher, contudo aceita-se com maior frequência a faixa 15-49 para este período.

58 T.F.G. = Nascimentos / População feminina (15-49) x 1000.

se de verificar as variações da fecundidade, em relação à média de cada ano.⁵⁹

Observando o total para cada ano, nota-se uma inflexão negativa da curva da fecundidade no ano de 1826, sendo o valor de 1825 reposto em 1827. Esta descida algo significativa, também é verificada no que respeita à natalidade, pelo que é provável existir uma correlação. Relativamente aos dados propriamente ditos da fecundidade, conclui-se facilmente que estamos perante valores elevados, mas que se pode considerar normal para a época. Note-se, todavia que o universo em análise é muito reduzido, sujeitando-se nesta medida a grandes flutuações e que os instrumentos de medida são grosseiros⁶⁰.

2.3 - Nupecialidade

Segundo todos os autores a nupecialidade⁶¹ não constitui uma variável microdemográfica autêntica porque não afecta directamente a dinâmica populacional⁶². Na realidade, e não obstante estarmos perante sociedades de escassa ilegitimidade, um aumento da nupecialidade poderá não garantir um aumento da natalidade, pelo que os casamentos devem ser vistos como uma componente da natalidade.

Quadro 13 - Taxas de nupecialidade

Anos	1825	1826	1827
Casamentos	215	170	164
T. População	14501	15404	15394
T.B.Nup. (x1000)	14,83	11,04	10,65

Verifica-se, pelo quadro 13, que as taxas de nupecialidade contaram com um progressivo decréscimo, passando de 14,83‰ em 1825 para 10,65‰ em 1827. Estes valores aproximam-se do sistema demográfico do Antigo Regime o qual é caracterizado por dois aspectos fundamentais: a existência de um importante celibato definitivo e um casamento tardio

59 Ou seja a taxa de fecundidade geral.

60 Opinião semelhante tem J. M. Nazareth e Fernando de Sousa in «A Demografia Portuguesa [...]», p. 34, quando é analisada a fecundidade de Coruche em 1789.

61 T.B.N.= Casamentos / População Total x 1000

62 Assim o admite J.M. Nazareth. Cf. *Princípios e Métodos* [...], p. 291.

para os dois sexos⁶³, os quais são bem patentes na população jorgense, como veremos de seguida.

2.3.1. - Celibato definitivo

Para o cálculo do celibato definitivo utiliza-se o grupo etário 50-60 para os dois sexos, tendo em conta que, ~~tendendo~~ ^{tendendo} habitualmente a partir desta idade a possibilidade de casamento seria pouco significativa⁶⁴.

Quadro 14 - Celibato definitivo (%)

Anos	Homens	Mulheres
1825	19,7	25,8
1826	14,0	23,7
1827	16,3	27,4

Como se pode constatar pelo quadro 14, verifica-se que a percentagem de pessoas no grupo de idade 50-60 anos é extremamente elevada, principalmente no sexo feminino, tendo em conta que os valores médios de celibato definitivo de Antigo Regime situariam-se entre os 15% e os 20%.⁶⁵

A título comparativo diga-se que em 1890, São Jorge teria uma percentagem de celibato definitivo de 22% para o sexo masculino e de 38,6% para o feminino, notando-se aqui claramente um desequilíbrio provocado pela emigração masculina⁶⁷. Para o Pico sabe-se que entre 1810-1839 o celibato definitivo cifrava-se em 12,4% para os homens e em 33,3% para o sexo feminino, valores bem mais extremos (note-se todavia as diferentes relações de masculinidade para as duas ilhas), aproximando-se, contudo, na média⁶⁸.

63 Id., *Ibid.*, pp. 36-37.

64 Se é certo que a partir dos 60 anos ainda existe a possibilidade de contrair matrimónio, não se deve esquecer que neste tipo de sociedades, tal possibilidade é bem mais limitada, fixando os estudiosos de uma maneira geral, no grupo 50-60.

65 Método de John Hajnal, «European Marriage Patterns in Perspective», in D. V. Glass e Eversley D. E. C. (eds), *Population in History*, London, 1965.

66 Segundo Hajnal, cit. por J. M. Nazareth e Fernando de Sousa, «A Demografia Portuguesa [...]», pp. 36-37.

67 Gilberta Rocha «Os Açores na Viragem do Século (1860-1930): Características da sua Evolução Demográfica» in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Setembro de 1989, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, [1990], p. 859.

68 Norberta Amorim, já cit., p. 105, utilizando, todavia, metodologias diferentes.

2.3.2 - Idade média de casamento

Quadro 15 - Idade média de casamento (anos)

Anos	Homens	Mulheres	Média
1825	32,6	28,3	29,3
1826	34,0	30,0	32,6
1827	30,4	28,1	30,6

Verifica-se, analogamente, que a idade média de casamento seria extremamente tardia⁶⁹, principalmente para o sexo feminino, situando-se o valor médio máximo em 1826 (32,6). O quadro 15 faz-nos, pois, lembrar as sociedades em que os casamentos eram determinados por motivações económicas, nomeadamente pela emancipação financeira do filho face aos pais, só possível em certos casos aquando da morte do pai. Simultaneamente nota-se que o celibato definitivo (principalmente o feminino) é significativo, visto que nem todos teriam oportunidade de contrair matrimónio.

Paradoxalmente a fecundidade e a natalidade não se ressentiam muito com semelhante atraso matrimonial, como, aliás, tivemos ocasião de verificar, tipificando, pois, o tipo de sociedade em que existiria um fraco controle de natalidade.

CONCLUSÃO

Perante a análise dos levantamentos de 1825, 1826 e 1827 e de alguns outros elementos estatísticos de índole vária, não se podem extrair conclusões muito seguras, visto que apenas se estudam intensamente três anos sucessivos. Todos os outros dados recolhidos indicam-nos fundamentalmente elementos de natureza macrodemográfica, inviabilizando assim uma comparação profunda com o período 1825-1827.

A ilha de São Jorge no período 1807-1827 acusaria um incremento de 0,72%, contando, porém, com fortes oscilações dentro destas balizas cronológicas. Este aumento teria ficado, todavia, muito aquém do regista-

69 Hajnal apresenta para o sistema demográfico de Antigo Regime, a que denomina «modelo de casamento da Europa Ocidental», os seguintes valores: 26-27 anos para os homens e 23-24 anos para as mulheres. Cit. por J. M. Nazareth e Fernando de Sousa, «A Demografia Portuguesa [...]», pp. 36-37.

do para a média do arquipélago na primeira metade de Oitocentos. A mesma realidade se verificou para a densidade populacional da ilha.

Estruturalmente tínhamos uma pirâmide etária com uma base muito alargada, típica das sociedades onde existia um fraco controle da natalidade, ou seja, das sociedades próximas do modelo demográfico de Antigo Regime. A mortalidade, por sua vez, seria elevada, mas apresentava valores que eram baixos para a época. Os valores desta variável micro-demográfica são bastante elevados nos primeiros grupos etários, evidenciando-se uma rápida regressão dos grupos etários subsequentes à base⁷⁰.

Em termos de estados civis nota-se que a população era maioritariamente solteira (excedendo sempre os 60% do total), existindo um número não muito significativo de indivíduos casados (cerca de 33%) e uma percentagem de viúvos relativamente alta (cerca de 7%).

A população seria relativamente jovem e "economicamente dinâmica", como se pôde constatar pela análise dos grupos funcionais, tendo-se também observado a mesma realidade pelo *ratio* de dependência total, pelo qual em cada 100 indivíduos em idade activa existiriam apenas 3/4 de dependentes.

Os efectivos jorgenses considerados no período 1825-1827 encontram-se em rápida expansão, atendendo a que a taxa de natalidade é consideravelmente superior à da mortalidade, registando-se assim um saldo fisiológico muito positivo. Contudo, há que salientar dois factores pertinentes: a possibilidade de existência de uma emigração considerável que traria de certo modo a rápida expansão populacional e a inexistência de dados acerca dos valores de crescimento natural para os restantes anos, facto que, por si só, poderá relativizar esta hipótese.

A idade média de casamento, que como tivémos ocasião de observar, é extremamente tardia, bem como uma elevada taxa de celibato definitivo (especialmente para o sexo feminino), indiciam que esta sociedade estaria muito próxima dos sistemas demográficos vigentes na Idade Moderna. As motivações de ordem económica poderiam ter, como foi visto, uma repercussão directa na idade de casamento, já que seria necessária uma emancipação financeira face aos pais, muitas vezes obtida apenas pela morte destes. Além disso, a elevada taxa de celibato definitivo, vem ao encontro desta hipótese.

70 A Taxa de Mortalidade Infantil foi estimada em 200 por mil, valor, no entanto, muito grosseiro.

Mas se neste aspecto a sociedade jorgense apresenta afinidades com o sistema demográfico característico do Antigo Regime, nota-se que existe já um distanciamento muito grande entre a natalidade e a mortalidade (que apresenta valores muito baixos)⁷¹, registando a população de São Jorge uma esperança média de vida invejável se a compararmos a cronologias anteriores, e mesmo aos valores para a mesma época dentro do Reino.

71 É de notar que não se observa qualquer crise de mortalidade para o período de 1825 a 1827, mas tal não significa que as crises de mortalidade já tivessem desaparecido por completo.

Mapa estatístico da ilha de S. Jorge no ano de 1825

Idades	População												Mulatos e pretos		Casamentos				Nascimentos				Mortos			
	Homens						Mulheres						Homens	Mulheres	Branços		Branços		Branços		Branços		Branços		Branços	
	Solteiros	Casados	Viuuos	Solteiras	Casadas	Viuvas	Solteiros	Casadas	Viuvas	Solteiros	Casadas	Viuvas			SOMA	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
De 1 a 5	864			862									1.718													
De 5 a 10	692			776									1.468													
De 10 a 20	1050	6		1167	21								2.247	13	18								9	19		
De 20 a 30	731	284	3	787	331	4							2.120	50	51								9	5		
De 30 a 40	338	470	15	415	539	24							1.801	27	34								13	5		
De 40 a 50	152	529	32	302	552	63							1.630	14	12								20	6		
De 50 a 60	139	507	58	197	440	128							1.469	4	1								15	8		
De 60 a 70	72	354	86	133	283	158							1.086										14	11		
De 70 a 80	77	234	73	72	180	132							748	1									18	10		
De 80 a 90	15	67	19	17	48	44							210										4	8		
De 90 a 100	1	1	1	1	1	1							4										1			
Soma das Paroelis	4130	2432	287	4719	2374	554								109	106								292	254		
Porcentagem (%)	60.30	35.51	4.19	61.71	31.04	7.24																	1.79	14.7		
Soma das Classes	6848			7847									14501													
Porcentagem (%)	47.23			52.73																						3.25

Mapa estatístico da ilha de S. Jorge no ano de 1826

Idades	População												Mulatos		Pretos		Casamentos				Nascimentos				Mortos			
	Homens						Mulheres						Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Branços		Branços		Branços		Branços		Branços		Branços	
	solteiros	Casados	Viuuos	Solteiras	Casadas	Viuvas	solteiros	Casadas	Viuvas	solteiros	Casadas	Viuvas					SOMA	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
De 1 a 5	915			934																								
De 5 a 10	827			810									1638															
De 10 a 20	1339	8	1	1298	18								2607	1														
De 20 a 30	763	350	5	850	408	8							2388	43	34													
De 30 a 40	251	586	15	437	648	33							1960	24	26													
De 40 a 50	121	559	28	282	584	78							1653	8	10													
De 50 a 60	98	554	40	214	545	143							1596	3	3													
De 60 a 70	98	384	77	130	308	184							1141	4	1													
De 70 a 80	31	111	65	54	80	131							473	1														
De 80 a 90	3	13	33	3	3	42							97	2														
De 90 a 100																												
Soma das Paroelis	4407	2565	265	4943	2595	619								82	88													
Porcentagem (%)	60.90	35.44	3.66	60.80	31.81	7.59																						
Soma das Classes	7237			8157																								
Porcentagem (%)	46.93			52.95																							27.6	

Mapa estatístico da ilha de S. Jorge no ano de 1827

Idades	População										Casamentos				Nascimentos				Mortes				
	Branços					Muitos					Branços		Branços		Branços		Branços						
	Homens		Mulheres		Viuvas	Homens		Mulheres		Prefeitos	SOMA		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres				
De 1 a 5	866	859				1	1				1967						308	276	1		70	48	
De 5 a 10	866	894				3					1753										0	6	
De 10 a 20	1261	1221	37			2	1	1	1		2549	1	18								5	4	
De 20 a 30	861	332	3	818	397	9	2	1	2	1	2426	35	35								9	7	
De 30 a 40	252	597	13	436	569	23					1910	34	19								4	9	
De 40 a 50	153	536	36	280	578	75	1				1639	8	5								2	15	
De 50 a 60	103	457	71	232	464	151					1478	3	4								12	7	
De 60 a 70	63	316	113	114	256	202					1064	1	1								18	19	
De 70 a 80	23	136	76	41	90	118					465										12	19	
De 80 a 90	5	14	43	6	7	47					172										6	3	
De 90 a 100	1				9						11										144	137	
Soma das Parcelas	4584	2413	358	4971	2418	634	9	3	3	1	15394	82	82				308	276	1		144	137	
Porcentagem (%)	62	32	32	81	4	87	61	91	30	12	7	97											
Soma das Classes	7355		8023		4777		5212		12		0,08		4		0,03		164		585		281		
Porcentagem (%)	47,77		52,12		0,08		0,03		164		585		281										